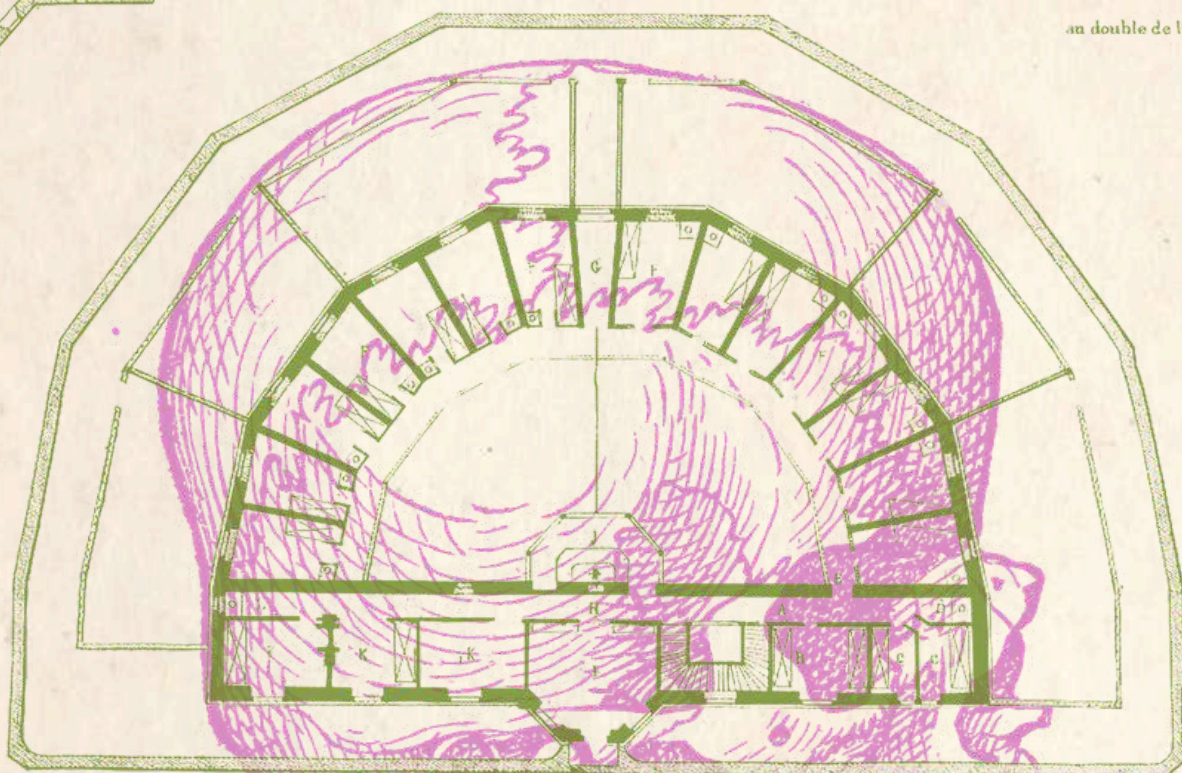
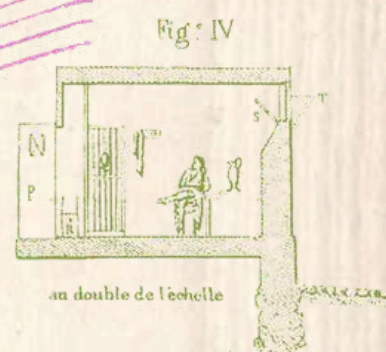
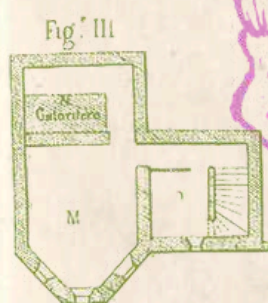
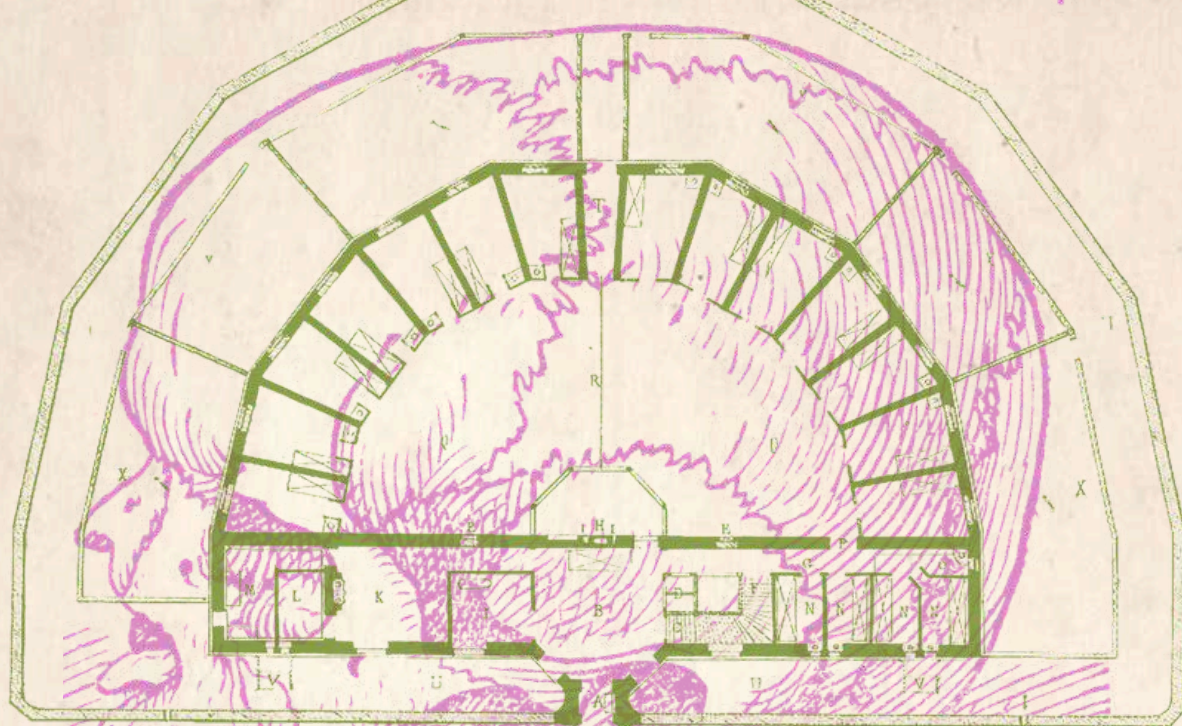




Echelle 1:2000 de 20mètres

PRISON DEPARTEMENTALE

Projet comprenant 53 Cellules

## DOSSIÊ ESPECIAL

A GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL:  
FOUCAULT E A CRÍTICA À PSICOPOLÍTICA DE  
BYUNG-CHUL HAN*NEOLIBERAL GOVERNMENTALITY: FOUCAULT AND THE CRITIQUE OF BYUNG-CHUL HAN'S  
PSYCHOPOLITICS**LA GUBERNAMENTALIDAD NEOLIBERAL: FOUCAULT Y LA CRÍTICA A LA PSICOPOLÍTICA DE  
BYUNG-CHUL HAN*Adriano Negrís  Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de  
Janeiro, RJ, Brasil

Uso de IA: Neste trabalho, o uso de IA foi exclusivamente  
destinado à correção ortográfica e gramatical. Ferramenta:  
Google - Gemini (Pro). Última data de utilização: 03/07/2026.

Submetido em: 29/05/2026

Aceito em: 05/07/2026

Publicado em: 07/08/2026

Como citar: NEGRIS, Adriano. A governamentalidade neoliberal:  
Foucault e a crítica à psicopolítica de Byung-Chul Han.  
(Des)troços: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 7,  
n. 2, p. e66428, jul./dez. 2026.

DOI: [10.53981/destrocos.v7i2.66428](https://doi.org/10.53981/destrocos.v7i2.66428)Licenciado sob a [CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



**Adriano Negris** é professor adjunto da UERJ- FFP e professor permanente do PPGBIOS-UERJ.

#### **Contribuição (CRediT)**

A.N.: Conceituação; Escrita (original e revisão).

#### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo realizar uma análise crítica da tese de Byung-Chul Han, que sustenta a ultrapassagem do conceito de biopolítica em face da "virada psicopolítica", caracterizada como um conjunto de técnicas políticas de exploração da psique no regime neoliberal. Em contraposição a esse diagnóstico, defende-se a existência de uma continuidade entre a hipótese foucaultiana de controle estatal sobre o biológico e a arte de governo neoliberal. A partir do resgate dos cursos *Segurança, Território, População* (1978) e *Nascimento da Biopolítica* (1979), demonstra-se que a racionalidade neoliberal opera segundo uma tecnologia de "governo pelo meio" (*milieu*), na qual a psique aparece como uma superfície de recepção e resposta aos estímulos do mercado, o que possibilita a condução dos comportamentos do sujeito econômico. Conclui-se, a partir da perspectiva foucaultiana, que a psique se torna um dos elementos centrais para o estabelecimento da continuidade entre a biopolítica e a gestão neoliberal.

#### **Palavras-chave**

Foucault; biopolítica; psicopolítica; governamentalidade neoliberal.

#### **Abstract**

This article aims to conduct a critical analysis of Byung-Chul Han's thesis, which argues that the concept of biopolitics has been surpassed in light of the "psychopolitics turn", characterized as a set of political techniques for exploiting the psyche within the neoliberal regime. In contrast to this diagnosis, this paper defends the existence of a continuity between the Foucauldian hypothesis of state control over the biological and the neoliberal art of government. Drawing on the courses *Security, Territory, Population* (1978) and *The Birth of Biopolitics* (1979), it demonstrates that neoliberal rationality operates according to a technology of "government through the medium" (*milieu*), in which the psyche appears as a surface of reception and response to market stimuli, enabling the conduction of the economic subject's behavior. It concludes, from a Foucauldian perspective, that the psyche becomes one of the central elements for establishing the continuity between biopolitics and neoliberal management.

#### **Keywords**

Foucault; biopolitics; psychopolitics; neoliberal governmentality.

#### **Resumen**

Este artículo analiza críticamente la tesis de Byung-Chul Han, quien sostiene que el concepto de biopolítica ha sido reemplazado por el "giro psicopolítico", caracterizado como un conjunto de técnicas políticas para la explotación de la psique dentro del régimen neoliberal. En contraposición a este diagnóstico, defiende la existencia de una continuidad entre la hipótesis foucaultiana del control estatal sobre lo biológico y el arte de la gobernanza neoliberal. A partir de una revisión de los cursos *Seguridad, territorio, población* (1978) y *El nacimiento de la biopolítica* (1979), demuestra que la racionalidad neoliberal opera según una tecnología de "gobierno por medio del entorno", en la que la psique aparece como una superficie para recibir y responder a los estímulos del mercado, lo que permite la manipulación del comportamiento del sujeto económico. Concluye, desde una perspectiva foucaultiana, que la psique se convierte en uno de los elementos centrales para establecer la continuidad entre la biopolítica y la gobernanza neoliberal.

#### **Palabras clave**

Foucault; biopolítica; psicopolítica; gubernamentalidad neoliberal.

## Introdução

Em 26 de junho de 1984, no dia seguinte à morte de Michel Foucault, o historiador Paul Veyne declarou ao jornal *Le Monde*: “A obra de Foucault me parece o acontecimento mais importante de nosso século no campo do pensamento”.<sup>1</sup> Com a celebração do centenário de nascimento de Paul-Michel Foucault, vê-se que a apologia do historiador não “envelheceu mal”; pelo contrário, com o passar do tempo, adquiriu cada vez mais força. Nascido no “breve século XX”, o pensamento de Foucault destaca-se ao lado de outros expoentes da filosofia francesa do mesmo período, tais como Georges Canguilhem, Jean Hyppolite, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir, Gilles Deleuze e Jacques Derrida.

A lista de pensadores que dialogam com o legado de Foucault é igualmente extensa. Podem-se citar alguns: Giorgio Agamben, Roberto Esposito e Achille Mbembe, quando refletem sobre o tema da biopolítica; Judith Butler e Paul Preciado, sobre questões de gênero, sexualidade e teoria queer; e Nikolas Rose e Wendy Brown, no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas voltadas para a relação entre governamentalidade, biopolítica e neoliberalismo. Esse cenário não apenas reforça a importância de Foucault, mas também indica quão difícil é pensar a filosofia contemporânea em suas mais diversas áreas (ética, política, estética, metafísica, epistemologia) sem deparar-se com o pensamento foucaultiano ou debatê-lo. Decorridas mais de quatro décadas desde a sua morte, Foucault consolidou-se como um pensador do qual é difícil prescindir ou, ao menos, esquivar-se.

A força do pensamento de Foucault é comparável à extensão de seus livros, textos, conferências, ditos e escritos. São mais de três décadas de produção intensa, que compreende a publicação de *História da loucura na Idade clássica* no ano de 1961, perpassando por *Vigiar e punir: nascimento da Prisão* (1975), *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1976), estendendo-se até seu último livro, *História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*, de 1984. Além disso, é preciso não se esquecer dos cursos ministrados de 1970 até 1984 no Collège de France, ressaltado apenas o ano de 1977, período em que Foucault gozou de um ano sabático.

Diante do panorama das obras de Foucault, observa-se uma preocupação em dividir sua trajetória filosófica em fases, ainda que seja para fins meramente didáticos. A primeira seria a chamada fase arqueológica (anos 1960), voltada para a investigação da formação histórica dos discursos e das respectivas condições de existência e emergência dos saberes. Num período posterior, por volta do começo dos anos 1970, as pesquisas de Foucault seguem por outra direção, resultando na etapa da genealogia, com ênfase nos estudos das relações entre poder, saber e o corpo. A partir dos anos 1980, o que seria o “último Foucault”, corresponde à fase voltada para o problema do governo, dos processos de formação da subjetividade e sua ligação com a verdade, caracterizando-se, assim, pela forte perspectiva ética.

Não obstante a divisão de sua trajetória, o próprio Foucault esclareceu que, na totalidade de seu projeto, buscou produzir uma “história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura”.<sup>2</sup> Entretanto, ao pensar esses modos

---

<sup>1</sup> Eribon, *Michel Foucault*, p. 307.

<sup>2</sup> Foucault, *O sujeito e o poder*, p. 118.

de subjetivação, notamos sempre a necessidade de reativar, em conjunto ou em partes, os conteúdos arqueológicos e genealógicos dos períodos anteriores.

Ao comentar sobre Foucault em entrevista concedida a Claire Parnet no ano de 1986, Deleuze afirma à entrevistadora que o pensamento foucaultiano não seguiu um processo de evolução linear, pois, na verdade, ele procedia por meio de crises.<sup>3</sup> Talvez uma das crises mais significativas seja a transição que marca o final dos anos 1970, principalmente com os cursos *Segurança, Território e População* (1978) e *Nascimento da biopolítica* (1979). Nesses cursos, pode-se identificar precisamente uma mudança de paradigma na analítica das relações de poder. Desde o início dos anos 1970, Foucault interpretava as relações de poder segundo a hipótese “Nietzsche”, indicando a guerra como grade de inteligibilidade das relações de poder e como matriz das técnicas de dominação.<sup>4</sup> A necessidade da “passagem” para um outro tipo de análise pode ser atribuída à forma de se pensar os modos de subjetivação. Isso ocorre porque, até então, o sujeito era percebido como uma espécie de epifenômeno das relações entre o poder e o saber. Era preciso conceber um modo de subjetivação a partir do qual o sujeito empregasse suas forças sobre si mesmo, como uma “dobra da força” – e Foucault precisaria de anos de silêncio para chegar a essa última forma de pensar o sujeito.<sup>5</sup>

Desse modo, compreende-se que esse deslocamento teórico começa a ser realizado a partir da aula de 1º de fevereiro de 1978. Nessa ocasião, Foucault passa a examinar o problema do governo; isto é, como ser governado, por quem e sob qual modalidade, introduzindo o conceito de “governamentalidade”. A partir de *Segurança, território, população* e *Nascimento da biopolítica*, Foucault deixa de lado o modelo da guerra como chave interpretativa das relações de poder, privilegiando a noção de governo e governamentalidade. Governar, em síntese, significa estruturar o campo de ação eventual dos outros, representando um conjunto de ações sobre ações possíveis. Logo, o exercício do poder deve ser procurado neste modo de ação singular, nem guerreiro nem jurídico, que é o governo.<sup>6</sup> Isso significa que a governamentalidade passa a indicar a maneira pela qual os indivíduos são dirigidos e a forma pela qual conduzem a si mesmos. Desse modo, a governamentalidade (mais precisamente o liberalismo) é o conceito a partir do qual os fenômenos biopolíticos ganham inteligibilidade.

Nesse sentido, a questão reside em verificar se as noções foucaultianas de governamentalidade e de biopolítica permanecem instrumentos analíticos eficazes para compreensão do capitalismo neoliberal contemporâneo. Sabe-se que a análise da biopolítica deve ser apreendida mediante o entendimento da racionalidade política do liberalismo.<sup>7</sup> Questiona-se, assim, se os conceitos de governamentalidade e de biopolítica de Foucault são abrangentes o bastante para a devida compreensão das novas tecnologias de poder, as quais se manifestam nas inovações biotecnológicas e, sobretudo, no crescente avanço das tecnologias digitais e das chamadas *Big techs*. Em suma, indaga-se sobre a atualidade de algumas ferramentas analíticas foucaultianas frente a novas técnicas de poder.

<sup>3</sup> Deleuze, *Conversações*, p. 134.

<sup>4</sup> Foucault, *Em defesa da sociedade*, p. 40.

<sup>5</sup> Deleuze, *Conversações*, p. 120.

<sup>6</sup> Foucault, *O sujeito e o poder*, p. 118.

<sup>7</sup> Foucault, *Nascimento da biopolítica*, p. 31.

Diante desse cenário, torna-se relevante refletir sobre uma tese formulada pelo filósofo Byung-Chul Han. Segundo o pensador sul-coreano, "a biopolítica é a técnica de governança da sociedade disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a psique".<sup>8</sup> Essa afirmação sustenta-se no argumento de que a biopolítica foucaultiana, centrada no biológico e no corporal, mostra-se insuficiente para dar conta da engrenagem de exploração psíquica presente no capitalismo tardio. No diagnóstico de Han, o paradigma de Foucault não acompanhou a "virada psíquica" e, por conseguinte, não se pode transmutar em psicopolítica – categoria política estruturante do modo de produção do capitalismo atual.<sup>9</sup>

A partir dessas considerações, este artigo propõe que a governamentalidade neoliberal, articulada no curso *Nascimento da biopolítica* (1979), constitui uma chave interpretativa capaz de elucidar os fenômenos biopolíticos contemporâneos, incluindo aqueles que se manifestam sob a dimensão psíquica. Em oposição à tese de Han, argumenta-se uma continuidade entre a hipótese da estatização do biológico e a gestão neoliberal da população por meio de práticas imanentes a um governo de intervenção ambiental. Desse modo, a noção de "governo pelo meio", mobilizada pela leitura foucaultiana do neoliberalismo, torna-se uma ferramenta analítica eficaz para compreender tanto a regulação da vida da população quanto as novas formas de modulação das condutas individuais, principalmente aquelas realizadas pelo ambiente virtual sob a forma dos algoritmos do *Big Data*.

Para cumprir a tarefa proposta, esclarecemos, inicialmente, o conceito de psicopolítica construído por Han, acentuando em que medida ele se distancia da biopolítica de Foucault. É importante verificar o motivo pelo qual, segundo Han, a psicopolítica é uma tecnologia política que "ultrapassa" a biopolítica, tornando-se uma categoria analítica mais afinada com o modelo neoliberal contemporâneo.

Na segunda parte, procura-se enfatizar que a introdução do problema do governo complexifica a percepção das relações de poder. A liberdade, como condição de possibilidade para o exercício do poder, torna-se o elemento pelo qual Foucault revê seu esquema anterior baseado na noção de guerra. Nesse sentido, verifica-se que a prática de governo se processa mediante a intervenção pelo "meio", entendido como campo de intervenção e como o horizonte no qual se articulam as relações de "um meio geográfico, climático, físico com a espécie humana, na medida em que ela tem um corpo e uma alma, uma existência física e moral".<sup>10</sup>

Por fim, verifica-se como a governamentalidade neoliberal descrita por Foucault inova ao estabelecer uma correlação entre o "ambiente" e um sujeito suscetível de responder aos estímulos do entorno. Logo, por meio do mercado, realiza-se uma intervenção sobre as "regras do jogo" e não diretamente sobre os "jogadores": ao mobilizar uma racionalidade de governo ambiental, o neoliberalismo captura a psique não como uma "interioridade" a ser disciplinada, mas como uma superfície de ressonância e reação aos estímulos do mercado. À vista disso, recusa-se a tese de uma "virada psicopolítica" que tornaria o conceito de biopolítica completamente obsoleto face ao neoliberalismo. Em contraposição a Han, sustenta-

---

<sup>8</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 35.

<sup>9</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 40.

<sup>10</sup> Foucault, *Segurança, território, população*, p. 31.

se a existência de uma continuidade entre a biopolítica e a governamentalidade neoliberal, amparada por técnicas de intervenção ambiental que modulam o comportamento dos indivíduos.

## 1. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder

Com o propósito de apreender em que medida a psicopolítica se configura como uma tecnologia política que “ultrapassa” a biopolítica foucaultiana, é preciso, primeiramente, resgatar a base teórica pela qual Byung-Chul Han analisa o neoliberalismo e suas respectivas técnicas de poder.<sup>11</sup> Em síntese, observa-se que o capitalismo, em sua configuração neoliberal, depende fundamentalmente da exploração da liberdade. No entanto, o neoliberalismo revela-se inovador para Han à medida que a coerção exercida pelo capital não é oriunda de forças externas, mas decorre da própria liberdade dos indivíduos. A liberdade converte-se em autoexploração, uma vez que esse novo poder que acompanha o neoliberalismo se plasma à psique, produzindo emoções positivas e, por conseguinte, explorando-as.

Nesse sentido, a psicopolítica opera por meio do reforço da positividade e da produção de uma incessante instigação voltada à realização de escolhas pautadas por ofertas preestabelecidas. Desse modo, a liberdade do indivíduo, concebida como projeto, submete-se a “coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização”.<sup>12</sup> Portanto, segundo Han, o neoliberalismo instaura uma nova tecnologia política distinta da biopolítica, a qual torna a psique o objeto de suas estratégias, transformando a motivação, a competição e a otimização em novos mecanismos de dominação.

Para Han, a psicopolítica advém de uma mutação do capitalismo, fundamentada na transição da era industrial para um novo modo de produção baseado no capital financeiro. Ao examinar a organização dos modos de produção sob a perspectiva histórica, o filósofo argumenta que, diversamente do preconizado pelo materialismo histórico de Marx, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção tornou-se insuperável. Em vez de a síntese histórica resultar no comunismo, o capitalismo industrial transmutou-se em neoliberalismo e em capital financeiro. Consequentemente, Han afirma que a “ditadura do proletariado é, nos dias que correm, estruturalmente impossível. Somos dominados por uma ditadura do capital”.<sup>13</sup>

O neoliberalismo configura-se como a forma contemporânea da ditadura do capital. Contudo, essa modalidade de exploração do capital revela uma natureza paradoxal: ao passo que o neoliberalismo fomenta a liberdade e se contrapõe às diversas formas de coerção, essa mesma liberdade converte-se em instrumento de coerção. O regime neoliberal absorve a exploração exercida pela burguesia sobre o proletariado e a transforma em autoexploração direcionada a todos os indivíduos. Em decorrência disso, o antigo trabalhador é transformado, de modo que emerge, nesse cenário, a figura do *empreendedor de si mesmo*.

---

<sup>11</sup> Ressalte-se que, para os fins deste artigo, buscamos delimitar nossa abordagem a um tema específico da obra de Han, sobretudo ao seu diálogo com Foucault acerca da biopolítica e da psicopolítica. Uma investigação mais abrangente, com a concatenação de outras teses da filosofia haniana, extrapolaria, e muito, a nossa proposta.

<sup>12</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 9.

<sup>13</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 15.

Assim, o sujeito neoliberal é um "servo" de si mesmo, desprovido de um "senhor" que lhe inflija qualquer forma externa de coerção. A regulação da vida desse sujeito neoliberal passa a girar em torno da concorrência e do desempenho. Segundo Han, o neoliberalismo instaura uma sociedade do desempenho que paulatinamente se desvincula das diversas formas de negatividade para estabelecer o paradigma da positividade. Como menciona o próprio Han, "o plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho".<sup>14</sup>

Em *Psicopolítica*, o autor destaca que o poder é tradicionalmente compreendido sob sua forma negativa, operando por meio da violência ou da coerção. Todavia, no neoliberalismo, o poder exerce-se cada vez mais em sintonia com a liberdade, ajustando-se, portanto, ao paradigma da positividade. Para demarcar essa transição, Han utiliza como referência o modelo de sociedade disciplinar concebida por Foucault, principalmente aquele apresentado no livro *Vigiar e punir*.

Na leitura de Han, o modelo de sociedade disciplinar descrito por Foucault mostra-se inteiramente anacrônico diante do neoliberalismo, sobretudo porque o poder disciplinar é estruturado sob o signo da negatividade. As tecnologias políticas do neoliberalismo objetivam explorar a liberdade dos indivíduos; por isso, devem ser "sedutoras" e agir mediante estímulos, impulsionando e produzindo emoções positivas. Na visão de Han, o poder torna-se agudo e inteligente: ele incide sobre a liberdade não para interditá-la, mas para maximizá-la, convertendo-a no próprio objeto de extração econômica. Essa exploração é inteligente na medida em que se "mascara" como gozo pleno da liberdade; assim, "o sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão".<sup>15</sup> Diferentemente do modelo disciplinar, esse poder possui a capacidade de moldar-se conforme a psique humana, possibilitando a constante observação e avaliação de nossos pensamentos conscientes e inconscientes.<sup>16</sup>

Na acepção de Han, o modelo disciplinar foucaultiano apreende o corpo como uma matriz produtiva. Assim, os dispositivos disciplinares realizam a "ortopedia corporal" necessária para que os indivíduos possam ajustar-se aos processos econômicos de uma sociedade industrial. As disciplinas impõem um conjunto coercitivo de comportamentos corporais com a finalidade de estabelecer determinados padrões, afastando eventuais desvios e anomalias. Por essa razão, o autor ressalta que o poder disciplinar é, essencialmente, marcado pela negatividade, ou seja, é um poder que opera mediante restrições e explora os indivíduos por meio de mecanismos que os sujeitam à obediência.

Constata-se que o poder disciplinar, além de tomar os corpos individuais como alvos de sua atuação, alcança um objeto mais amplo: a população. O "corpo-espécie", que é a população, torna-se, então, uma "massa produtiva" sujeita à gestão política. Contudo, na perspectiva de Han, a biopolítica foucaultiana "é uma técnica de governança da sociedade disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a psique".<sup>17</sup> Segundo o filósofo, enquanto a

---

<sup>14</sup> Han, *Sociedade do cansaço*, p. 24.

<sup>15</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 26.

<sup>16</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 28.

<sup>17</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 35.



biopolítica atua conforme o saber extraído da demografia, o neoliberalismo exige um "psicograma" da população, fornecido pelos sistemas de coleta de dados do *Big Data*.

Desse modo, o filósofo coreano sustenta a tese de que Foucault, após a publicação de *Vigiar e Punir*, percebeu que a análise das sociedades disciplinares já não correspondia às especificidades do modo de produção neoliberal. Mesmo assim, segundo Han, Foucault teria insistido em uma política dos corpos e não teria notado que o conceito de biopolítica era insuficiente para a análise da sociedade neoliberal. Em virtude dessa "falta de percepção", o pensador francês não teria realizado a necessária "virada psicopolítica".<sup>18</sup>

O argumento levantado por Han assevera que Foucault vincula a biopolítica não apenas ao biológico, mas, fundamentalmente, ao corporal. Segundo Han, essa vinculação ocorre porque Foucault pensa a biopolítica nos moldes do poder disciplinar, transformando-a em uma política dos corpos que não contempla a esfera psíquica do poder. O filósofo francês, por conseguinte, não teria vislumbrado que o regime neoliberal converte a psique em força produtiva, promovendo o que Han denomina psicopolítica. Essa técnica de poder constitui o traço distintivo do neoliberalismo, que prescinde da ortopedia corporal em favor de uma otimização mental perene. Desse modo, o chamado "dilema de Foucault" reside no fato de o filósofo francês não ter notado que

Hoje o corpo é liberado do processo imediato de produção e se torna um objeto de otimização estética ou técnico-sanitária. Logo, a intervenção *ortopédica* dá lugar à *estética*. O "corpo dócil" proposto por Foucault já não tem lugar no processo de produção. A ortopedia disciplinar é substituída pelas cirurgias plásticas e academias. Todavia, a otimização corporal significa muito mais do que mera prática *estética*. Os termos *sexy* e *fitness* tornam-se recursos econômicos que devem ser multiplicados, comercializados e explorados.<sup>19</sup>

Com base nesse argumento, Han conclui que a técnica de poder neoliberal (psicopolítica) representa um ponto cego na analítica do poder de Foucault. Sob a perspectiva de Han, o sujeito neoliberal, na condição de "empresário de si mesmo", submete-se à autoexploração voluntária, o que torna as técnicas disciplinares dispensáveis. O neoliberalismo instaura um regime "sutil" de poder, no qual a liberdade do indivíduo se converte em autoexploração. Essa tecnologia de poder é sutil na medida em que o indivíduo, por si só, reproduz um contexto de dominação internamente, interpretando-o, todavia, como um modo genuíno de exercício da liberdade. Nesse sentido, Foucault não teria reconhecido que as técnicas de poder do neoliberalismo se apropriam completamente das "tecnologias do eu". Sob essa forma de dominação, a "otimização permanente de si como técnica de si neoliberal não é nada além de uma forma eficiente de dominação e exploração".<sup>20</sup>

A tese de que a analítica do poder de Foucault negligencia a região psíquica dos indivíduos – e de que, portanto, não poderia fornecer um diagnóstico preciso sobre a forma de atuação das tecnologias de poder no neoliberalismo – é reiterada por Han em outras obras. Em *Sociedade do cansaço*, o filósofo sul-coreano assevera que a perspectiva foucaultiana "não pode descrever as modificações

<sup>18</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 28.

<sup>19</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 40.

<sup>20</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 40.

psíquicas e topológicas que se realizaram com a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho”.<sup>21</sup> Rearticula-se, assim, a contraposição entre a negatividade da sociedade disciplinar e a positividade da sociedade do desempenho.

Essa sociedade do desempenho nada mais é do que uma “leitura” da sociedade neoliberal, na qual os sujeitos são incitados à otimização permanente. Nesse cenário, o “verbo” que comanda a sociedade do desempenho é o “poder”. O paradigma do “dever”, típico da sociedade disciplinar, não é extinto, mas reinscrito e funcionalizado para atender às demandas de produtividade do sistema neoliberal. Nesse contexto, segundo Han, patologias como a síndrome do *burnout*<sup>22</sup> são causadas pelo excesso de positividade,<sup>23</sup> o qual leva ao esgotamento da alma, e não apenas do corpo. Desse modo, conclui-se que o adoecimento contemporâneo não deriva do excesso de responsabilidade e de iniciativa, mas sim do imperativo de desempenho que comanda a sociedade pós-moderna do trabalho.<sup>24</sup>

Em *Agonia do eros*, o autor reforça a ideia de que o sujeito neoliberal converte a própria liberdade em exploração. Disso decorrem duas consequências: a primeira é que o explorador e o explorado se fundem na mesma figura; a segunda é que, no neoliberalismo, se torna possível a existência de exploração sem dominação. Tal como observado anteriormente, Han ressalta que Foucault, mesmo quando analisa a governamentalidade neoliberal, não consegue vislumbrar que o sujeito neoliberal, na verdade, não é livre; ele “apenas aventa ser livre, enquanto explora a si próprio”.<sup>25</sup>

Para Han, Foucault compreende o neoliberalismo como um sistema produtor de liberdade, mas permanece acrítico quanto à coerção e à violência que estão disseminadas na estrutura do regime neoliberal.<sup>26</sup> O que é imperceptível aos olhos de Foucault é a “sutileza” do neoliberalismo, que transforma a liberdade em opressão pela vontade do próprio indivíduo<sup>27</sup>. Dessa maneira, Han dirige a seguinte crítica a Foucault:

O ditame neoliberal da liberdade se expressa na realidade como imperativo paradoxal *seja livre*. Ele derriba o sujeito do desempenho para dentro da depressão e do esgotamento. É bem verdade que a *Ética do si-mesmo* de Foucault se opõe ao poder político repressivo, contra a exploração alheia, mas torna-se cego para ver aquela violência da liberdade que está na base da autoexploração.<sup>28</sup>

A racionalidade neoliberal, a fim de operacionalizar esse “imperativo paradoxal”, requer o desenvolvimento de novas técnicas de poder. Essas técnicas não incidem sobre o corpo biológico da população, mas sim sobre a psique dos

<sup>21</sup> Han, *Sociedade do cansaço*, p. 24.

<sup>22</sup> Han, *Agonia do eros*, p. 25.

<sup>23</sup> No neoliberalismo, o poder é desconectado afetivamente da dor. O poder é smart, no sentido de que opera “dissimulando-se” de liberdade e, portanto, a submissão é realizada como autorrealização e auto-otimização. Han, *Sociedade paliativa*, p. 27.

<sup>24</sup> Han, *Sociedade do cansaço*, p. 27.

<sup>25</sup> Han, *Agonia do eros*, p. 22.

<sup>26</sup> Han, *Topologia da violência*, p. 183.

<sup>27</sup> Como o próprio autor observa: “o submetido nem sequer tem consciência de sua submissão. Ele se supõe livre. Sem qualquer coação estranha, ele explora a si mesmo, crente de que, desse modo, ele se concretiza. A liberdade não é reprimida, mas explorada. Seja livre produz uma coação que é mais dominante do que seja obediente”. Han, *Sociedade paliativa*, p. 26.

<sup>28</sup> Han, *Agonia do eros*, p. 23.

indivíduos. Esse novo escopo das tecnologias de poder do neoliberalismo conduz, novamente, à divisão entre a biopolítica e a psicopolítica. Como esclarece Han, as práticas biopolíticas, baseadas na estatística e direcionadas ao controle de fenômenos naturais da população (vida, morte, saúde), não são capazes de penetrar na psique da população.<sup>29</sup> O panóptico de Bentham tem unicamente o poder de observar o comportamento externo dos sujeitos, mostrando-se, portanto, um mecanismo inadequado aos moldes do neoliberalismo. O regime de informação digital põe em ação uma nova dinâmica de poder, na qual a forma de vigilância exercida se torna aperceptiva e, por isso, pode acessar sutilmente a psique dos indivíduos. Por esse motivo, Han menciona que a psicopolítica, por meio do panóptico digital, está "em posição para, com ajuda da vigilância digital, ler e controlar pensamentos".<sup>30</sup>

Nesse sentido, o neoliberalismo está intimamente conectado ao que Han denomina "regime de informação"; trata-se de um mecanismo de dominação pelo qual a informação, processada por algoritmos e pela inteligência artificial, determina processos sociais, econômicos e políticos.<sup>31</sup> O regime de informação, por meio de técnicas de vigilância digital, concretiza uma nova forma de dominação, uma vez que transforma a psique no principal objeto de controle.

Além disso, Han acentua uma mudança topológica do poder: enquanto a biopolítica se concentra em espaços enclausurados, cerrados e isolados, o regime de informação pressupõe a existência de espaços livres e contínuos. Tal deslocamento altera a forma de visibilidade do poder, pois, se a biopolítica depende da visibilidade dos indivíduos, o regime de informação transforma a conectividade em vigilância. No regime de informação, a comunicação torna-se vigilância, de modo que "a dominação se faz no momento em que liberdade e vigilância coincidem".<sup>32</sup>

Como se pode observar, Han postula a existência de uma nova tecnologia de poder correlata ao neoliberalismo contemporâneo. Tal mecanismo, designado pelo autor como psicopolítica, configura um novo paradigma político que se distancia do modelo biopolítico foucaultiano. Ao estabelecer uma dicotomia entre a psique e a materialidade biológica do corpo (individual e coletivo), Han argumenta que o neoliberalismo é "psicopolítico" por apoderar-se da psique, enquanto o corpo é relegado ao domínio da estética e do *fitness*.

Diferentemente dos dispositivos disciplinares, a psicopolítica não opera por coerções, mas sim pela instrumentalização da liberdade no plano pré-reflexivo, fomentando um ciclo incessante de incitação e satisfação dos desejos. Ao "capturar" a psique para produzir e explorar emoções positivas, a psicopolítica induz o indivíduo a converter sua própria liberdade em autoexploração. O sujeito neoliberal, embora pretenda ser livre, submete-se ao mandamento de otimização permanente, transformando-se em um senhor que explora não o outro, mas a si mesmo. Como empreendedor de si e condenado à lógica do desempenho, o sujeito neoliberal reproduz um contexto de dominação sobre si mesmo. É justamente esse

---

<sup>29</sup> Han, *No exame*, p. 130.

<sup>30</sup> Han, *No exame*, p. 130.

<sup>31</sup> Han, *Infocracia*, p. 7.

<sup>32</sup> Han, *Infocracia*, p. 13.

estreitamento entre a liberdade e a exploração na forma de exploração de si que, segundo Han, escapa ao pensamento de Foucault.<sup>33</sup>

## 2. Relações de poder e governamentalidade

Michel Senellart afirma que *Segurança, território e população* (1978) e *Nascimento da biopolítica* (1979) retomam as análises pregressas de Foucault acerca do escopo biopolítico. Todavia, a consecução desse projeto implicou desvios que, aparentemente, o afastaram do seu intuito inicial. A descrição dos campos de atuação da biopolítica realizada no ano de 1976 repete-se no curso de 1978; contudo, o que fica impensado no curso *Em defesa da sociedade* (1976) é a questão do liberalismo como nova racionalidade governamental. No curso *Segurança, território e população*, após o término da reflexão sobre os dispositivos de segurança, Foucault constata que o problema a ser enfrentado, dali em diante, seria o da correlação entre a técnica de segurança e a população. Dessa maneira, Senellart explica que

De fato, tudo acontece como se a hipótese do biopoder, para se tornar verdadeiramente operacional, exigisse ser situada num marco mais amplo. O anunciado estudo dos mecanismos pelos quais a espécie humana entrou, no século XVIII, numa estratégia geral de poder, apresentado como o esboço de uma "história das tecnologias de segurança", cede a vez, já na quarta aula do curso de 1978, ao projeto de uma história da "governamentalidade", desde os primeiros séculos da era cristã. Do mesmo modo, a análise das condições de formação da biopolítica, no segundo curso, logo se apaga em benefício da análise da governamentalidade liberal. Em ambos os casos, trata-se de lançar luz sobre as formas de experiência e de racionalidade a partir das quais se organizou, no Ocidente, o poder sobre a vida. Mas essa pesquisa tem por efeito, ao mesmo tempo, deslocar o centro de gravidade dos cursos, da questão do biopoder, para a do governo, a tal ponto que esta, finalmente, eclipsa quase inteiramente aquela.<sup>34</sup>

A partir do curso *Segurança, território, população*, Foucault deixa de lado o modelo da guerra como chave interpretativa das relações de poder em proveito das noções de governo e de governamentalidade.<sup>35</sup> A chamada "hipótese Nietzsche", utilizada por Foucault para escapar do esquema *soberano-lei*, que por tanto tempo fascinou o pensamento político,<sup>36</sup> ainda apresentava problemas.<sup>37</sup> Afinal, ao substituir a lei e o contrato pelo modelo bélico, Foucault, em vez de cortar a cabeça do rei, simplesmente inverteu a concepção que criticava.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 44.

<sup>34</sup> Senellart, *Situação dos cursos*, p. 494.

<sup>35</sup> "Governamentalidade", "arte de governar" e "racionalidade governamental" tornar-se-ão termos intercambiáveis para designar formas sutis e invisíveis de condução dos indivíduos. Laval, *Foucault, Bourdieu*, p. 48.

<sup>36</sup> Foucault, *História da sexualidade – I*, p. 107.

<sup>37</sup> "Foucault, que opera esse modelo de poder como um 'confronto bélico de forças' contra a tradição filosófico-jurídica do contrato e da soberania, já está firmemente estabelecido dentro de um paradigma no qual a articulação dos conceitos de poder, diferença e liberdade de forças serve para explicar as relações sociais. Mas essa 'filosofia' da diferença corre o risco de compreender todas as relações entre pessoas, qualquer que seja sua natureza, como relações de dominação. Esse é o impasse que o pensamento de Foucault teria enfrentado". Lazzarato, *Du biopouvoir à la biopolitique*, p. 51, tradução nossa.

<sup>38</sup> Lemke, *Foucault, governamentalidade e crítica*, p. 197.



Os conceitos de governo e de governamentalidade, como um verdadeiro "deslizamento teórico", permitem a Foucault não apenas superar as dificuldades do modelo da guerra, mas também repensar os processos de subjetivação, a formação do Estado moderno e a articulação entre as tecnologias de dominação e as tecnologias de si. Sob essa nova perspectiva, Foucault "corrige os achados dos estudos anteriores, nos quais ele investigou a subjetividade primariamente a partir de uma visão de 'corpos dóceis' e enfatizou demasiadamente os processos de disciplina".<sup>39</sup>

Na analítica foucaultiana, os conceitos de governo e de governamentalidade revelam que a mecânica do poder não se circunscreve ao consenso, tampouco se reduz à violência. Para Foucault, a prática do poder define-se como um conjunto de ações sobre ações possíveis, caracterizando-se pelo "ato de conduzir as condutas de outros e a maneira de se comportar em um campo mais ou menos aberto de possibilidades".<sup>40</sup> O conceito de governamentalidade surge como uma forma racional de gestão da população, tendo a economia política como sua principal matriz de saber e os dispositivos de segurança como instrumentos técnicos operacionais. Posteriormente, o conceito expande sua abrangência, passando a designar uma "arte de governar" ou uma "racionalidade governamental", noções que, por sua vez, remetem às diversas formas de condução das condutas.

O conceito de governo em Foucault possui uma acepção muito ampla, uma vez que se refere tanto à estrutura política e à gestão dos Estados quanto à forma de direção das condutas dos indivíduos.<sup>41</sup> Contudo, é muito importante perceber que o exercício do poder no modo do governo depende essencialmente da liberdade. Se governar implica um modo de ações sobre as ações dos outros, então, é imprescindível que seja preservado um espaço a partir do qual os indivíduos possam ser levados a agir (ou deixar de agir) dentro de um determinado horizonte de possibilidades. Foucault bem notou que a liberdade é a condição para a existência do governo, na medida em que um espaço de manifestação da ação do indivíduo deve ser garantido e preservado. Sem liberdade, instaura-se a dominação, anulando-se a dimensão propriamente dita do governo.<sup>42</sup>

Ao postular a liberdade como condição de existência do poder, Foucault mostra que se instaura, no cerne da governamentalidade, uma tensão entre a relatividade do querer e a intransitividade da liberdade. Trata-se de uma relação agonística; isto é, o poder e a liberdade não se anulam mutuamente, mas coexistem em constante tensionamento. Por conseguinte, dado que a liberdade constitui o fundamento e o suporte das relações de poder, torna-se impossível a existência dessas mesmas relações de poder sem resistência, sem escapatória ou reviravolta eventual.<sup>43</sup> Por outro lado, o governo pode dar lugar aos estados de dominação quando o confronto cessa e se instauram mecanismos mais ou menos estáveis, a partir dos quais a conduta de uns pode conduzir, de forma constante, a conduta dos

<sup>39</sup> Lemke, *Foucault, governamentalidade e crítica*, p. 198.

<sup>40</sup> Foucault, *O sujeito e o poder*, p. 133.

<sup>41</sup> "Essa perspectiva também direciona nossa atenção para a maneira frequente como as estratégias de condução da conduta operam através de tentativas de moldar o que Foucault chama de "tecnologias do self" – "mecanismos de autodireção", para a maneira como os indivíduos experienciam, entendem, julgam e conduzem a si mesmos". Rose, *Inventando nossos selfs*, pp. 49-50.

<sup>42</sup> Negris, *Um monstro chamado controle*, p. 74.

<sup>43</sup> Foucault, *O sujeito e o poder*, p. 138.

outros. A dominação, como efeito de governo, é uma estrutura geral de poder na qual a mobilidade estratégica das relações de poder é efetivamente bloqueada e sedimentada.

Na entrevista de 1984, intitulada *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*, Foucault explicita com maior teor de objetividade essa inflexão em sua analítica das relações de poder. Essa nova percepção tem consequências diretas para a ideia de governamentalidade, além de projetar reflexos sobre a própria forma de pensar o neoliberalismo:

Acho que é preciso distinguir as relações de poder como jogos estratégicos entre liberdades – jogos estratégicos que fazem com que uns tentem determinar a conduta dos outros, ao que os outros tentam responder não deixando sua conduta ser determinada ou determinando em troca a conduta dos outros – e os estados de dominação, que são o que geralmente se chama de poder. E, entre os dois, entre os jogos de poder e os estados de dominação, temos as tecnologias governamentais, dando a esse termo um sentido muito amplo – trata-se tanto da maneira com que se governa sua mulher, seus filhos, quanto da maneira com que se dirige uma instituição. A análise dessas técnicas que se estabelecem e se mantêm os estados de dominação. Em minha análise do poder, há esses três níveis: as relações estratégicas, as técnicas de governo e os estados de dominação.<sup>44</sup>

Evidencia-se que a analítica do poder adquire maior refinamento e complexidade com o conceito de governo. Dessa maneira, podem-se identificar três espécies de relações, cada qual com características próprias. Assim, o feixe das relações de poder desdobra-se, segundo Foucault, nos jogos estratégicos entre liberdades, nos estados de dominação e, por fim, no governo – compreendido precisamente como zona de contato e mediação entre ambas as esferas.

Segundo Foucault, os jogos estratégicos designam o exercício recíproco de liberdades, no qual os indivíduos buscam direcionar a conduta alheia, ao passo que estes, em contrapartida, reagem obstruindo a estruturação de seus próprios horizontes de ação. No extremo oposto, os estados de dominação representam relações assimétricas extremamente rígidas e solidificadas, de sorte que a margem de manobra dos sujeitos se torna exígua. Trata-se de relações estratégicas que, estabelecidas no interior de instituições, perdem muito da reversibilidade e da instabilidade dos jogos estratégicos entre liberdades.<sup>45</sup> Entre essas duas espécies de relações de poder, situa-se a governamentalidade. As técnicas governamentais são modos de poder mais ou menos sistematizados, regulados e refletidos que ultrapassam o exercício espontâneo de poder sobre outrem, e seguem uma racionalidade que define o *telos* da ação ou os meios adequados para realizá-la.<sup>46</sup> São essas tecnologias de governo que operam na articulação com os jogos estratégicos; por outro lado, elas também são responsáveis pelo estabelecimento e pela manutenção dos estados de dominação.<sup>47</sup> Há, portanto, uma continuidade nesses três tipos de relações de poder, a qual é articulada pelas tecnologias de governo. Sobre o alcance dessa noção de governo, Foucault afirma o seguinte:

<sup>44</sup> Foucault, *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*, pp. 278-279.

<sup>45</sup> Lazzarato, *Du biopouvoir à la biopolitique*, p. 55.

<sup>46</sup> Lemke, *Foucault, governamentalidade e crítica*, p. 199.

<sup>47</sup> Foucault, *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*, p. 279.

Digo que a governabilidade implica a relação de si consigo mesmo, o que significa justamente que, nessa noção de governabilidade, visto ao conjunto de práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns em relação aos outros. São indivíduos livres que tentam controlar, determinar, delimitar a liberdade dos outros e, para fazê-lo, dispõem de certos instrumentos para governar os outros. Isso se fundamenta então na liberdade, na relação de si consigo mesmo e na relação com o outro.<sup>48</sup>

Um aspecto importante a ser destacado é o fato de que as relações de poder são exercidas por meio de técnicas ou tecnologias específicas, mediante as quais os homens buscam compreender quem eles são. As tecnologias apontam para um conjunto de práticas racionalmente estruturadas, direcionadas à consecução de determinados objetivos. As técnicas ou tecnologias referem-se sempre a estratégias das práticas; ou seja, ao modo como elas operam no interior das relações de poder.<sup>49</sup>

A governamentalidade aparece como uma forma tecnológica que não busca precipuamente determinar a conduta dos indivíduos com fins de dominação, nem se identifica por completo com as técnicas de si (ou tecnologias do eu), voltadas para práticas que permitem aos indivíduos realizar uma série de operações sobre seus próprios corpos e almas para atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.<sup>50</sup> A governamentalidade, enquanto modo de ação sobre outras ações, situa-se na zona de contato entre as tecnologias que determinam a sujeição dos indivíduos e as técnicas que permitem aos sujeitos dirigir autonomamente suas condutas.

A liberdade, como condição de possibilidade para o exercício do poder, torna-se o elemento pelo qual Foucault revê seu esquema anterior baseado na noção de guerra. Desse modo, poder e liberdade deixam de ser interpretados como forças antitéticas em constante disputa; o governo passa a ser compreendido como um modo estratégico de condução de condutas, no qual poder e liberdade são correlatos e dispõem-se de forma agonística, e não antagônica. Nesse sentido, Foucault adverte:

A relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem, pois, estar separadas. O problema central do poder não é o da “servidão voluntária” (como podemos desejar ser escravos?); no cerne da relação de poder, “provocando-a” incessantemente, há a relatividade do querer e a intransitividade da liberdade. Mais do que um “antagonismo” essencial, valeria a pena falar de um “agonismo” – de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; menos de uma oposição termo a termo que os bloqueia um diante do outro do que de uma provocação permanente.<sup>51</sup>

Do mesmo modo que se deve guardar distanciamento da ideia de antagonismo, cumpre igualmente rejeitar a concepção de que, no governo, haja uma contraposição entre os homens e as coisas. Foucault, alinhando-se à formulação de Guillaume de La Perrière, assevera que o governo é a correta disposição das coisas. Em sua interpretação, o pensador francês enfatiza a natureza

<sup>48</sup> Foucault, *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*, p. 279.

<sup>49</sup> Castro-Gómez, *Historia de la gubernamentalidad*, loc. 433 (versão digital).

<sup>50</sup> Foucault, *As técnicas de si*, p. 266.

<sup>51</sup> Foucault, *O sujeito e o poder*, p. 134.

eminentemente relacional dessa prática: governar constitui um feixe de ações direcionadas à rede de interações que enlaça os homens e a materialidade. Todavia, importa sublinhar que, nesse horizonte conceitual, o gesto de governar não implica a condução isolada de "homens", por um lado, e de "coisas", por outro. Como consequência desse caráter relacional, Foucault menciona a existência de um "governo das coisas". Essa designação aponta para a ideia de que o governo deve encarregar-se do liame entre os sujeitos e o seu entorno, sendo essa dinâmica manifestada por meio das riquezas, dos meios de subsistência, do clima, dos costumes e dos modos de agir ou de pensar.

Convém notar que a ação exercida no gesto de governar não incide diretamente sobre "as coisas". Em vez disso, a prática de governo processa-se mediante a intervenção no espaço em que se travam as relações entre os homens e as coisas. Para Foucault, tal intervenção é orientada pelo conceito de meio (*milieu*) – noção empregada pela física para explicar a ação a distância de um corpo sobre outro corpo.<sup>52</sup>

O meio aparece, portanto, como o campo de intervenção e o horizonte no qual se articulam as relações entre "um meio geográfico, climático, físico com a espécie humana, na medida em que ela tem um corpo e uma alma, uma existência física e moral".<sup>53</sup> Em suma, "o meio é, ao mesmo tempo, o espaço onde vive uma população e a maneira de agir sobre ela".<sup>54</sup> Como veremos mais adiante, essa noção será importante para entender o neoliberalismo como uma racionalidade de governo que opera por "intervenção ambiental" – isto é, uma governamentalidade que funciona mediante técnicas voltadas à direção do meio.

Desse modo, verifica-se que a governamentalidade foucaultiana está diretamente vinculada à noção de meio. Nesse sentido, a forma de intervenção própria do governo consiste precipuamente na orquestração e no arranjo do horizonte no qual os indivíduos podem livremente buscar a realização de seus interesses. No entanto, essas ações são realizadas com base em um quadro normativo que delimita e organiza o campo de ação dos indivíduos. Assim, quando Foucault afirma que o panóptico de Bentham é "a própria forma de um governo liberal",<sup>55</sup> nota-se que a intenção é mostrar que o liberalismo é uma tecnologia de governo que deixa os indivíduos satisfazerem os seus desejos, mas sob "a vigilância de um poder anônimo a fim de programar suas ações na direção dos objetivos benéficos para todos".<sup>56</sup>

É precisamente a partir da noção de meio que se observam os esforços da análise de Foucault para pensar o neoliberalismo como uma tecnologia política de gestão das populações pelo meio social constituído pelo mercado. Em outras palavras, na governamentalidade neoliberal, o mercado funciona como um espaço normativo pelo qual os indivíduos exercem sua liberdade de escolha; contudo, agem sempre em consonância com as normas mercadológicas. Dessa forma, o neoliberalismo combina a ideia de autonomia do mercado com estratégias de

<sup>52</sup> Foucault encontrou em Bentham uma análise e uma tecnologia refinadas do meio e do espaço, sobretudo a ideia fundamental de que o poder se exerce a distância e de modo oblíquo, jogando com as probabilidades de satisfação ou de dor. Laval, *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*, p. 109.

<sup>53</sup> Foucault, *Segurança, território, população*, p. 31.

<sup>54</sup> Laval, *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*, p. 93.

<sup>55</sup> Foucault, *Nascimento da biopolítica*, p. 88.

<sup>56</sup> Laval, *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*, p. 108.

intervenção no campo social, as quais se baseiam no governo das pessoas mediante a organização de seu próprio entorno.<sup>57</sup>

Antes de prosseguir para o próximo tópico, é importante salientar que o objetivo principal do curso de 1979 era uma análise da biopolítica, mediante a compreensão do liberalismo como forma de governamentalidade. Ao final do curso, no entanto, Foucault reconheceu a incompletude de sua tarefa ao estabelecer que ainda deveriam ser investigados os problemas específicos da vida e da população sob a tecnologia de governo liberal e suas variantes históricas. Nos anos seguintes, como se sabe, Foucault não regressou ao tema, conduzindo suas pesquisas em direção à constituição histórica dos processos de subjetivação.<sup>58</sup>

### 3. A governamentalidade neoliberal e a biopolítica

Para Foucault, o liberalismo é considerado condição de inteligibilidade da biopolítica. No curso *Em defesa da sociedade*, Foucault havia identificado, no século XIX, o aparecimento de uma nova forma de poder que tinha por objeto a gestão da vida da população. No entanto, a população, objeto de regulação biopolítica, apenas surge como um problema político a partir do liberalismo enquanto razão governamental que adota mecanismos de autolimitação quanto à sua atuação. Ao contrário da razão de Estado, que tem um domínio de intervenção ilimitado, o liberalismo é uma arte de governo que opera sob princípios limitativos de sua própria ação, oferecidos pela economia política. Dessa forma, para Foucault, a compreensão do liberalismo torna-se uma condição para a análise da biopolítica.

O liberalismo, segundo Foucault, deve ser analisado como um princípio de racionalização da prática governamental, partindo-se do pressuposto de que “sempre se governa demais”. Essa perspectiva constitui uma forma de governo da população mediante princípios de limitação interna da atividade política. Nesse sentido, para a racionalidade liberal, a população e a economia apresentam-se como processos naturais que não devem sofrer excessiva intervenção estatal.

A economia política, principal forma de saber no liberalismo, aponta o mercado não apenas como uma realidade que possui seus próprios processos naturais, mas também como um espaço de verificação da racionalidade de governo e de controle de eventuais excessos de governamentalidade. O mercado é um espaço de desenvolvimento natural dos processos econômicos e um meio de atuação governamental. A troca e a concorrência são dados naturais do mercado, algo que se produz espontaneamente; portanto, a prática de governo no liberalismo deve garantir o bom funcionamento do mercado, certificando-se de que a liberdade dos envolvidos no processo seja realmente assegurada. O liberalismo é um “governo frugal” porque atua sob o princípio de que sempre se deve governar menos.

Nesse sentido, o escopo político do liberalismo consiste na supervisão dos diferentes interesses individuais que porventura possam oferecer um risco ao interesse coletivo e, por outro lado, na proteção dos interesses individuais contra tudo o que se revelar, em relação a eles, um abuso vindo do interesse coletivo. O

<sup>57</sup> Taylan, *Environmental Interventionism*, p. 2, tradução nossa.

<sup>58</sup> A partir de 1978 até 1984, a biopolítica é entendida como um conceito que articula as técnicas disciplinares e os dispositivos de regulação da população, bem como as tecnologias de si. Senellart, *Situação do curso*, p. 496.



liberalismo produz liberdade e, com isso, gera interesses (individuais e coletivos) que deve administrar. Ao manipular esse jogo de interesses, o liberalismo é obrigado a gerenciar os perigos que assolam os interesses que circulam na sociedade. Esses perigos têm seus efeitos anulados ou reduzidos pelos dispositivos de segurança.

O surgimento do neoliberalismo marca uma ruptura em relação à economia política clássica, a qual compreendia o mercado como espaço de desenvolvimento espontâneo dos processos econômicos. No entanto, para os neoliberais, a concorrência não é um dado natural do mercado; ela é um princípio de formalização do mercado, da sociedade e do Estado. Consequentemente, como assinala Foucault, o neoliberalismo articula-se em torno da viabilidade de regular o poder político por meio dos ditames formais da economia de mercado, os quais devem ser estendidos a toda a sociedade. A "utopia" neoliberal é a extensão da forma-mercado a todos os aspectos da vida em sociedade. Sob esse aspecto, a governamentalidade neoliberal não visa a "corrigir" o mercado, a opor-se à racionalidade social ou política, tampouco a criar obstáculos ao funcionamento normal da concorrência, invocando exigências éticas, morais ou de justiça social.<sup>59</sup>

Na análise do neoliberalismo, Foucault confere destaque à vertente norte-americana, sobretudo a partir das formulações da teoria do capital humano. Dentro dessa perspectiva, desenvolvem-se dois processos: o primeiro consiste em levar a análise econômica a determinados campos que permaneceram inexplorados; o segundo, em reinterpretar economicamente todo um campo que, até então, era considerado não econômico.

Assim, o neoliberalismo norte-americano reposiciona a relação de trabalho sob uma nova perspectiva. Apoiando-se nas análises desenvolvidas pela Escola de Chicago – notadamente por Theodore W. Schultz e Gary Becker –, Foucault salienta que, do ponto de vista do trabalhador, o salário não é simplesmente um preço que ele recebe em troca do seu trabalho; configura-se, em verdade, como renda, isto é, o rendimento de um capital. O capital, nesse contexto, é tudo o que pode ser uma fonte de renda futura. Em termos econômicos, a renda como uma forma de capital representa o valor recebido pelo trabalhador, levando em consideração todos os fatores físicos e psicológicos que tornam uma pessoa capaz de ganhar determinado salário. O capital, assim, compreende o conjunto de aptidões, naturais ou adquiridas, que capacitam o indivíduo a auferir uma renda. Desse modo, desloca-se a noção de força de trabalho para uma concepção de capital-competência, na qual o trabalhador passa a ser compreendido como uma verdadeira unidade-empresa, redefinindo o *homo oeconomicus* como um "empreendedor de si mesmo". Essa conversão do sujeito em empresário de sua própria vida é o próprio substrato da teoria do capital humano.

Sob o governo neoliberal, o *homo oeconomicus* funciona como grade interpretativa extensiva não apenas a todo agente econômico, mas ao campo social em sua totalidade. Essa figura converte-se no modelo para a análise dos comportamentos individuais e sociais, orientando a compreensão sobre a motivação, a funcionalidade e a racionalidade imanentes a tais comportamentos. O

---

<sup>59</sup> Lagasnerie, *A última lição de Michel Foucault*, p. 47.

homem econômico é o sujeito produzido pela tecnologia de governo neoliberal. Nesse sentido, Foucault observa que

o indivíduo só vai se tornar governamentalizável, que só se vai poder agir sobre ele na medida em que, e somente na medida em que, ele é *homo oeconomicus*. Ou seja, a superfície de contato entre o indivíduo e o poder que se exerce sobre ele, por conseguinte o princípio de regulação do poder sobre o indivíduo, vai ser essa espécie de grade do *homo oeconomicus*. O *homo oeconomicus* é a interface do governo e do indivíduo.<sup>60</sup>

Neste ponto, é preciso chamar a atenção para o fato de que o empresário de si realiza suas escolhas a partir de sua liberdade; mas, como sua própria vida e seu horizonte de ação se transformam em “forma-mercado”, essas opções ficam sujeitas às variáveis do mercado. Se, por um lado, o neoliberalismo converte o modo de ser do sujeito em capital humano, por outro, as técnicas de governo instituem e resguardam o ambiente propício ao funcionamento da dinâmica concorrencial. Como consequência disso,

A redefinição do *Homo oeconomicus* como “capital humano” e como “empresa”, proposta por Gary Becker, é assim, correlata de uma ação sobre o meio, sustentada pelos ordoliberalis alemães sob o nome de “política de sociedade”, de “política de moldura” ou ainda de “política da vida” (*Vitalpolitik*). Essa “política de sociedade” consiste em agir sobre o ambiente social (*die soziale Umwelt*), com o objetivo de orientar a conduta dos indivíduos.<sup>61</sup>

Com base nessas ponderações, pode-se afirmar que o sujeito neoliberal tem seus comportamentos econômicos suscetíveis de modificação por meio de uma intervenção ambiental. Em outras palavras, o neoliberalismo governa mediante ações sobre o meio a partir do qual o empresário de si, orientado pela regulamentação desse ambiente, pode produzir o máximo de satisfação. Nesse sentido, o mercado concorrencial não deve ser entendido como um espaço de manifestação natural dos processos econômicos, mas sim como um ambiente normativo que direciona a conduta dos indivíduos. Nesse ambiente, sujeitos a regras e estímulos, os indivíduos são livres para maximizar seu próprio capital humano, trabalhando a si mesmos com o objetivo de se transformarem continuamente, aprimorando-se e tornando-se sempre eficazes.<sup>62</sup>

Segundo Christian Laval, a abordagem foucaultiana do neoliberalismo caracteriza-se por destacar não apenas a intervenção ambiental da arte de governo neoliberal, mas também por evidenciar um processo de subjetivação que opera conforme os parâmetros de uma empresa. Para Laval, o plano de análise do neoliberalismo em Foucault pressupõe a síntese do meio concorrencial composto de estímulos e da produção de subjetividades sensíveis às variações ambientais do mercado. Por essa razão, o autor afirma que

o mecanismo de adaptação e de reação às variáveis ambientais supõe “técnicas comportamentais”. É assim que, no campo econômico, podem se integrar práticas, técnicas e discursos psicológicos, do behaviorismo às neurociências atuais. A nova forma de normalização pode ser articular finamente nas empresas, administrações e em toda a

<sup>60</sup> Foucault, *Nascimento da biopolítica*, p. 338.

<sup>61</sup> Laval, *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*, p. 79.

<sup>62</sup> Dardot; Laval, *A nova razão do mundo*, p. 333.

sociedade com as técnicas que não são mais disciplinares, no sentido em que Foucault as descrevera no início dos anos 1970, mas de regulação, controle, avaliação e, sobretudo, de incitação e estímulo.<sup>63</sup>

Verifica-se, portanto, que a arte de governo neoliberal preserva a autonomia concorrencial do mercado e, ao mesmo tempo, intervém no campo social ao fornecer um ambiente que estimula a prática de ações, com vistas à modificação do comportamento dos sujeitos econômicos. Como pontua Ferhat Taylan, um dos pontos-chave na análise de Foucault sobre o neoliberalismo reside precisamente nesse agir sobre o meio, cuja importância ainda não foi sublinhada por muitos comentaristas de suas conferências sobre a governamentalidade.<sup>64</sup>

A partir dessa noção de "governo pelo meio", compreende-se o neoliberalismo como uma tecnologia política que, além de projetar uma racionalidade econômica para toda a extensão da vida, cria e mantém um ambiente por meio do qual se intervém com estímulos e recompensas, com a finalidade de conduzir as ações humanas. Assim, o neoliberalismo, mediante uma arquitetura política ambiental, entrelaça o processo de normalização da biopolítica com o jogo de estímulos do mercado concorrencial.

Desse modo, diferentemente do liberalismo, a assunção dos riscos naturais da vida em sociedade recai completamente sobre o sujeito "empresário de si mesmo" que, aberto aos estímulos do ambiente mercadológico, maximiza sua própria eficácia e labora para si mesmo, com a intenção de "rentabilizar" seu capital humano. Nesse sentido, considera-se que a leitura foucaultiana do neoliberalismo oferece uma chave interpretativa para a compreensão da biopolítica, sem negligenciar as práticas que incidem sobre a dimensão psíquica. Dessa forma, o neoliberalismo apresenta-se como uma resposta ao próprio desafio da biopolítica.<sup>65</sup>

À luz dessas considerações, é preciso retornar à tese de Byung-Chul Han a fim de verificar se a ruptura entre a psicopolítica e a biopolítica é, de fato, tão radical quanto o filósofo coreano propõe. Segundo Han, o "dilema de Foucault" consistiria na falta de percepção, por parte do pensador francês, de um "ponto cego" na biopolítica. Por circunscrever a biopolítica ao escopo estritamente biológico e corporal, Foucault não teria notado a necessidade de uma "virada psicopolítica", uma vez que o neoliberalismo, com a otimização constante dos processos psíquicos e mentais, transforma não o corpo, mas a psique em força produtiva. Por conseguinte, Han sugere a existência de uma descontinuidade histórica entre a biopolítica, destinada à forma disciplinar do capitalismo, e a psicopolítica, vista como uma tecnologia de poder mais adequada ao regime neoliberal.

No entanto, quando a tese de Han é comparada à descrição do neoliberalismo realizada no curso de 1979, verifica-se que Foucault não deixa de perceber a importância do elemento "psíquico" para a governamentalidade

<sup>63</sup> Laval, *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*, p. 79.

<sup>64</sup> Taylan, *Environmental interventionism*, p. 1, tradução nossa.

<sup>65</sup> "Para Foucault, esse 'desvio' pelo neoliberalismo tinha por objetivo falar do 'nascimento da biopolítica', quer dizer, de uma forma de governo das populações por meio dos mecanismos de regulação da conduta individual, consistindo em construir o meio social como um mercado. Este último não é um dado natural, mas uma alavanca de governo que permite a gestão da população, possibilitada pelo fato de que os indivíduos supostamente agem da mesma forma, a despeito de alguns desvios normais da média, segundo a gestão de si como capital valorizável". Laval, *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*, p. 82.

neoliberal. Por meio do mercado, as técnicas neoliberais não governam mediante a intervenção direta sobre os corpos, mas apenas atuam sobre as regras do ambiente concorrencial, a partir do qual o *homo oeconomicus*, como “empresário de si”, realiza escolhas racionais, alocando seus recursos raros (capital humano) para fins alternativos. Há, então, uma intervenção de tipo ambiental, na qual as ações incidem sobre as regras do jogo, não sobre os jogadores.

O homem econômico é aquele que aceita a perspectiva econômica como horizonte para todas as áreas da vida. O mercado torna-se a sua realidade. Consequentemente, toda a conduta do sujeito neoliberal torna-se suscetível às variáveis do meio. Por esse motivo, Foucault conclui que o *homo oeconomicus* é eminentemente governável, sendo aquele que surge como correlato de uma governamentalidade que intervém sobre o meio e modifica sistematicamente as variáveis do campo de ação dos indivíduos.<sup>66</sup>

Como vimos anteriormente, a própria noção de governo para Foucault é pensada sob a ótica de tecnologias que funcionam mediante ação à distância, ressaltando a importância analítica do governo pelo “meio” ou “ambiente”. No neoliberalismo, Foucault destaca esse “meio” como o mercado concorrencial, no qual o sujeito econômico, realizando livremente suas escolhas, age em função do ambiente que é o mercado. Essa noção de meio confere coerência à governamentalidade neoliberal ao estruturar o espaço de conduta dos outros.

Contudo, apesar de as ações do sujeito neoliberal serem interpretadas a partir de uma grade de inteligibilidade econômica, Foucault não descarta a relevância das conexões entre a psicologia e a economia, principalmente no que concerne à análise dos comportamentos humanos em um ambiente decisório. O mecanismo de reação às variáveis ambientais pressupõe a existência de técnicas comportamentais que operam na dimensão do psíquico, possibilitando a integração do campo econômico às práticas e técnicas psicológicas.

Nesse ponto, ao contrário do que sustenta Han, é preciso lembrar que a biopolítica na sociedade disciplinar nunca foi estritamente uma “política dos corpos”. Os processos de normalização e as disciplinas dependeram, em alguma medida, de técnicas que adaptassem corpos e mentes ao sistema de produção industrial. Em conjunto, a biopolítica e as disciplinas formam um dispositivo de eficácia cujo princípio geral é tanto um adestramento dos corpos, quanto uma “gestão de mentes”.<sup>67</sup> No entanto, no neoliberalismo, o elemento psíquico e a biopolítica formam uma continuidade devido aos mecanismos de “governo pelo meio” instaurados por essa nova forma de governamentalidade. Quando Han alega que a biopolítica está “fundamentalmente” associada ao biológico e ao corporal, descuida do fato de que, na analítica foucaultiana, a psique do sujeito neoliberal funciona como ponto de responsividade às variáveis do ambiente do mercado. Foucault, quando trata do neoliberalismo, não negligencia a psique, mas a reposiciona metodologicamente como o elemento que reage sistematicamente aos jogos realizados no meio mercadológico.

Além disso, se quisermos demarcar uma verdadeira “virada política”, devemos apontar a mutação das relações de poder que ocorre entre a governamentalidade liberal e o neoliberalismo. O *homo oeconomicus* surge no

<sup>66</sup> Foucault, *Nascimento da biopolítica*, p. 359.

<sup>67</sup> Dardot; Laval, *A nova razão do mundo*, pp. 324-325.

século XVIII sob a figura do "parceiro de troca" que, com base na teoria da utilidade, procura satisfazer suas necessidades. O governo, então, deve respeitar o mercado como meio natural de trocas do *homo oeconomicus*. No liberalismo, o *laissez-faire* funciona como princípio de autolimitação da atuação governamental. Por essa razão, Foucault considera que o liberalismo, em sua consistência moderna, começou quando foi formulada uma incompatibilidade essencial entre a multiplicidade não totalizável dos sujeitos econômicos e, por outro lado, a unidade totalizante do soberano.<sup>68</sup> Em suma, o *homo oeconomicus* é o elemento de base de uma nova razão governamental que aparece no século XVIII – o liberalismo.

No neoliberalismo, o *homo oeconomicus* é reativado em razão das novas práticas de poder. Antes "ingovernável", com o neoliberalismo, o homem econômico passa a ser eminentemente governável. Foucault identifica essa mutação das relações de poder exatamente no ponto em que há uma modificação na forma de governamentalidade. No neoliberalismo, o sujeito é governado por um "jogo de estímulos" oferecido pelo mercado. Nesse contexto, o *homo oeconomicus* é aquele que está suscetível às variáveis do ambiente (mercado) e, por esse motivo, responde a elas de forma sistemática. Para Foucault, torna-se determinante a compreensão da arte de governo neoliberal como um "governo pelo meio", porque é pelo ambiente do mercado que se realiza a integração entre a economia e as técnicas comportamentais.

Dessa forma, a partir da mecânica da governamentalidade neoliberal apresentada por Foucault como um "governo pelo meio", pode-se entender a necessidade do "diálogo" da economia com as neurociências atuais e com a psicologia comportamental. A "psicologização" contemporânea das técnicas políticas no neoliberalismo não representa uma "virada psicopolítica", mas sim uma atualização tecnológica das variáveis de uma governamentalidade que se realiza por uma intervenção ambiental.

Foucault, ao descrever os mecanismos de governo neoliberal, inscreve o *homo oeconomicus* como uma superfície de contato entre os processos de normalização do mercado e a gestão estatal das condições de vida. A intervenção ambiental mobilizada pela governamentalidade neoliberal é sustentada pela unidade entre a economia e outros saberes, principalmente aqueles ligados à psicologia cognitiva. Assim, se é verdade que Foucault sempre esteve atento à importância do "psíquico" para o capitalismo industrial, é preciso reconhecer que, no neoliberalismo, o tensionamento entre o "corporal" e o "psíquico" se dissolve para se tornar uma unidade funcional "governável" pelo ambiente. A racionalidade neoliberal opera por "gestão ambiental"; portanto, o meio transforma o biológico e o psíquico em um contínuo responsivo aos estímulos direcionados pelo ambiente. Sob essa perspectiva, o mercado pode conduzir, ao mesmo tempo, a regulação do corpo da população e os estímulos psíquicos que fomentam a lógica do empresário de si. Sobre esse ponto sensível na abordagem foucaultiana acerca do neoliberalismo, Ferhat Taylan afirma que

a intenção de Foucault deve ser vista como parte de um projeto mais geral que visa mostrar as conexões entre a psicologia e a economia precisamente na área da análise dos comportamentos humanos em um ambiente decisório. Nesse contexto, deve-se reconhecer

---

<sup>68</sup> Foucault, *Nascimento da biopolítica*, p. 374.



que há uma continuidade entre a hipótese do controle estatal do biológico, que Foucault relacionou à intervenção nas condições de vida de uma população, por um lado, e a gestão neoliberal dessas condições baseada nas ciências comportamentais ou cognitivas, por outro.<sup>69</sup>

Desse modo, busca-se salientar que existe uma mudança nos mecanismos de poder ao se comparar a análise da figura do *homo oeconomicus* no liberalismo com essa mesma análise no neoliberalismo. Diferentemente do que se passava no liberalismo, com o neoliberalismo, o “parceiro intangível do *laissez-faire*” torna-se correlato de uma governamentalidade que intervém no meio e modifica sistematicamente as suas variáveis. Assim, sob a perspectiva foucaultiana, a verdadeira “virada política” ocorre com a transição das tecnologias de poder entre o liberalismo e o neoliberalismo. Nesse cenário, os fatores que convencem Han a postular uma “virada psicopolítica” devem ser encarados como mutações ocorridas no interior de uma governamentalidade que reúne o controle estatal do biológico e a gestão neoliberal amparada nas ciências comportamentais ou cognitivas. Por conseguinte, para Foucault, o neoliberalismo não promove uma separação entre a biopolítica e uma “psicopolítica”.

Por outro lado, segundo Han, Foucault não reconhece que o neoliberalismo se apropria completamente das tecnologias do eu, “nem que a otimização permanente de si como técnica de si neoliberal não seja nada mais do que uma forma eficiente de dominação e exploração”<sup>70</sup>. Todavia, quando Foucault comenta que a teoria do capital humano é responsável pelo processo de reinterpretação econômica do campo não econômico, pode-se dizer que as técnicas de si devem estar alinhadas ao ambiente de mercado, representando “um *continuum* que se estende do direito do governo político até formas de autorregulação – a saber, “tecnologias de si”.<sup>71</sup> O “empresário de si” deve administrar a constituição de seu capital humano ao longo da vida, fazendo investimentos na educação, na formação profissional, no casamento ou na criação de filhos. Assim, o neoliberalismo estabelece uma equivalência entre a valorização do capital humano e a valorização de si próprio, transformando o “cuidado de si” em gerenciamento de um “portfólio de atividades”.<sup>72</sup> Além disso, Lemke menciona que

a estratégia de tornar “responsáveis” os sujeitos individuais (e também coletivos, como famílias, associações etc.) implica deslocar a responsabilidade por riscos sociais, tais quais doença, desemprego, pobreza e assim por diante, e pela vida em sociedade, para o domínio pelo qual o indivíduo é responsável, e implica transformá-la em um problema de “cuidado de si”. Uma marca chave da racionalidade neoliberal e a congruência que ela se empenha em alcançar entre um indivíduo responsável e moral, e um indivíduo econômico-racional.<sup>73</sup>

Ao colocar em evidência esses tópicos de análise sobre o neoliberalismo no curso de 1979, procura-se mostrar que a governamentalidade neoliberal é uma tecnologia política de gestão da população que, por meio de mecanismos de intervenção ambiental, regula as condutas individuais. Para Foucault, o

<sup>69</sup> Taylan, *Environmental interventionism*, p. 10, tradução nossa.

<sup>70</sup> Han, *Psicopolítica*, p. 43.

<sup>71</sup> Lemke, *Foucault, governamentalidade e crítica*, p. 206.

<sup>72</sup> Dardot; Laval, *A nova razão do mundo*, p. 336.

<sup>73</sup> Lemke, *Foucault, governamentalidade e crítica*, pp. 206-207.

neoliberalismo supõe uma correlação entre um meio de intervenção ambiental e um sujeito suscetível de responder aos estímulos desse ambiente. Assim, por meio do mercado, realiza-se uma intervenção sobre as regras do jogo, a qual, mediante técnicas que operam inclusive sobre a psique, é capaz de conduzir o comportamento do sujeito econômico. Portanto, não se vislumbra a existência de uma “virada psicopolítica” que torne a biopolítica completamente inadequada ao neoliberalismo. Ao contrário da tese de Han, é possível reconhecer uma continuidade entre a hipótese da estatização do biológico, que Foucault relacionou à intervenção nas condições de vida de uma população, e a gestão neoliberal dessas condições com base na psique e nas ciências comportamentais e cognitivas.

## Considerações finais

O presente trabalho propôs um diálogo entre Michel Foucault e Byung-Chul Han em torno do neoliberalismo. Argumentamos que a governamentalidade neoliberal descrita por Foucault pode ser compreendida como um horizonte a partir do qual se podem começar a tematizar os problemas biopolíticos. A racionalidade do mercado concorrencial do neoliberalismo é o ambiente no qual se desdobram as técnicas de subjetivação dos indivíduos e o controle da população. Assim sendo, o neoliberalismo é o horizonte mais amplo de leitura da biopolítica e, por isso, é a partir dessa forma de governo que se devem compreender todas as tecnologias políticas que visam à administração da vida.

É inegável a contribuição de Foucault para a análise das técnicas de poder empregadas atualmente pelo neoliberalismo. Nesse sentido, a ideia de uma governamentalidade que opera mediante intervenção ambiental é fundamental para a compreensão do neoliberalismo. Por essa razão, concordamos com Ferhat Taylan quando o autor considera a existência de duas formas atuais de intervencionismo ambiental: a primeira concernente à gestão de processos cognitivos dentro do mercado e a segunda relacionada à gestão estatal das condições de vida. No que diz respeito à primeira forma, a principal perspectiva estabelecida por essa ideia de ação ambiental reside atualmente em uma análise precisa da conexão da economia com outras ciências, a fim de mostrar a emergência de novas faces do homem econômico na interseção das neurociências e da psicologia cognitiva.<sup>74</sup>

Apesar dessas conexões desenvolvidas por Foucault, Han enxerga uma incompatibilidade entre neoliberalismo e biopolítica. Em suma, o filósofo acredita que Foucault não consegue notar que o neoliberalismo promove uma “virada psicopolítica”, rompendo absolutamente com a biopolítica. Em direção contrária à descontinuidade defendida por Han, procurou-se demonstrar, ao longo deste trabalho, que, para Foucault, a psique está implicada na própria eficácia dos dispositivos de poder desde o capitalismo industrial.

Contudo, no cenário neoliberal, essa eficácia está disposta de acordo com os mecanismos políticos de uma governamentalidade que conduz as condutas dos indivíduos por meio de uma intervenção ambiental. Nesse sentido, na racionalidade neoliberal, o elemento psíquico aparece como um campo contínuo de respostas aos estímulos orientados pelo próprio ambiente do mercado concorrencial. Desse

---

<sup>74</sup> Taylan, *Environmental interventionism*, p. 10.

modo, a partir da perspectiva foucaultiana, a psique se torna um dos elementos centrais para o estabelecimento da continuidade entre a biopolítica e a gestão neoliberal.

É precisamente pela noção de "governo pelo meio" que a leitura foucaultiana do neoliberalismo se torna uma ferramenta analítica eficaz para compreender o ambiente virtual contemporâneo e, mais precisamente, o fenômeno que Antoinette Rouvroy e Thomas Berns denominam de *governamentalidade algorítmica*<sup>75</sup> – uma nova forma de intervenção ambiental, na qual os algoritmos do *Big Data* modulam o ambiente digital de modo a modelizar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis.

---

<sup>75</sup> Rouvroy; Berns, *Gouvernementalité algorithmique*, p. 173.

## Referências

- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Historia de la gubernamentalidad. Razón de Estado, liberalismo y neoliberalismo en Michel Foucault*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2010 (versão digital).
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 2013.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault (1926-1984)*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: ética, estratégia, poder-saber*. Manoel Barros da Motta (org.). Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Manoel Barros da Motta (org.). Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: ética, estratégia, poder-saber*. Manoel Barros da Motta (org.). Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Manoel Barros da Motta (org.). Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2023.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Trad. Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Trad. Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LAGASNERIE, Geoffroy de. *A última lição de Michel Foucault: sobre o neoliberalismo, a teoria e a política*. Trad. André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LAVAL, Christian. *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. Trad. Márcia Pereira Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante, 2020.
- LAZZARATO, Maurizio. Du biopouvoir à la biopolitique. *Multitudes*, v. 1, n. 1, pp. 45-57, 2000. DOI: <https://doi.org/10.3917/mult.001.0045>. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-multitudes-2000-1-page-45?lang=fr>. Acesso em: 27 maio 2026.
- LEMKE, Thomas. Foucault, governamentalidade e crítica. Trad. Eduardo Altheman Camargo Santos. *PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 24, n. 1, pp. 194-213, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.137508>. Disponível em: [https://revistas.usp.br/plural/pt\\_BR/article/view/137508](https://revistas.usp.br/plural/pt_BR/article/view/137508). Acesso em: 26 maio 2026.
- NEGRIS, Adriano. Um monstro chamado controle. *Revista Ítaca*. Dossiê entreteçar: tessituras filosófico-literárias. Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, pp. 58-78, 2026. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/71255/47022>. Acesso em: 20 maio 2026.
- ROSE, Nikolas. *Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade*. Trad. Arthur Arruda Leal Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ROUVROY, Antoinette; BERNIS, Thomas. Gouvernamentalité algorithmique et perspectives d'émancipation » Le disparate comme condition d'individuation par la relation?, *Réseaux*, v. 1, n. 177, pp. 163-196, 2013. DOI: 10.3917/res.177.0163. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-reseaux-2013-1-page-163.htm>. Acesso em: 15 maio 2026.
- SENEILLART, Michel. Situação dos cursos. In: FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2023.
- TAYLAN, Ferhat. Environmental Interventionism: A Neoliberal Strategy. *Raisons politiques*, v. 52, n. 4, pp. 77-87, 2013. DOI 10.3917/rai.052.0077. Disponível em: <https://shs.cairn.info/journal-raisons-politiques-2013-4-page-77?lang=en>. Acesso em: 27 jul. 2026.